

A epistemologia Dos Santos

Rafael Haddock-Lobo ¹

Considerações sobre a *Voz Filosófica* de Fabiana Cozza ²

Resumo

Esse artigo é uma *experiência de escuta* – talvez a maior tarefa à qual a filosofia deveria se dedicar – do disco *Dos Santos* (2020) de Fabiana Cozza. Cada canção, pensada a partir de uma coluna vertebral que sustentaria o disco, vai sendo interpretada da cabeça aos pés, seguindo os ensinamentos de pensadores brasileiros e afro-brasileiros como Tiganá Santana, Luiz Antonio Simas, Paulo Cesar Pinheiro, Roque Ferreira entre outras e outros. A principal questão em jogo nesse artigo é que, através dessa escuta filosófica, podemos compreender como a *voz-corpo* de Fabiana Cozza, como intérprete, vai se consolidando como uma *voz-corpo filosófica*, em que a intérprete não só retorna ao autor aquilo que recebe, mas como ela própria cria sua obra *com, para e através* desses outros que a alimentam.

Palavras-chave: Escuta; Voz-corpo; interpretação; voz filosófica; alteridade.

Abstract

This article is a *listening experience* of the album *Dos Santos* (2020) by Fabiana Cozza. And the *listening experience* is perhaps the greatest task to which the philosopher should dedicate himself. Each song is interpreted as a vertebra of the spine that would support the record, in a movement from head to toe, following the teachings of Brazilian and Afro-Brazilian thinkers as Tiganá Santana, Luiz Antonio Simas, Paulo Cesar Pinheiro, Roque Ferreira among others. The main question in this article is that, through this *philosophical listening*, we can understand how Fabiana Cozza's *voice-body*, as a performer, consolidates itself as a *philosophical voice-body*, in which the performer not

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF-UFRJ) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGFIL-UERJ) e do Programa de Pós-Graduação Interinstitucional de Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS – FIOCRUZ/UERJ/UFF/UFRJ). É coordenador do Laboratório X de Encruzilhadas Filosóficas: laboratoriox.ifcs@gmail.com

² Esse texto foi apresentado no “Ciclo de Conferências Brasil: Poéticas da diáspora africana”, na mesa de abertura do evento, intitulada *Poéticas e políticas de uma gira epistemológica*, a qual tiver o prazer de compartilhar com André Capilé e Tiganá Santana. O texto, obviamente, foi dedicado à querida amiga Fabiana Cozza dos Santos. O texto, escrito para ser lido, pretende preservar as características sonoras da oralidade.

only returns to the author what she receives, but how she herself creates her work *with, for* and *through* these others who feed her.

Keywords: Listening; Voice-body; interpretation; philosophical voice; otherness.

“Nas várias respirações da vida / Seus tempos e imagens / O ar que sai e entra afunilado / É o que não se rege com as mãos / É o que não se retém na ideia / É o que não simula as artes / E os mecanismos previstos”, sopra lindamente a voz de Fabiana Cozza o vento expirado por Tiganá Santana, com o fundo espiralado do bissal-guineense Mû Mbaná. Esse sopro é uma primeira “Pedrinha Miudinha”, nos termos de meu parceiro Luiz Antonio Simas, arrebatado por Walter Benjamin e Pelo Caboclo da Pedra Preta de Seu Joãozinho da Gomeia, líder do Quilombo de Caxias; ou ainda pequeno “Caroço de Dendê”, nos termos da grande filósofa popular brasileira Iyà Beata de Yemonja; ou, mais ainda, esse mesmo “grão de um milho que é branco / Rotundo, irregular”, “uma molécula encarnada na diversidade”, como escreve Tiganá e canta Fabiana.

Essa pedrinha, esse caroço, esse grão que é “Oxalá um dia” é um princípio fundamental (*arkhé*, diriam os gregos. Mas, talvez, mais propriamente, numa espécie de “Tradução-Exu”, como nos ensina André Capilé, *assentamentos*). Algo como um tijolinho no fogão de barro de Dona Maria Toinha, que em sua trilogia “Mística dos encantados”, nos ensina a conversar nos terreiros, quando a lua aparece, cantando e encantando a noite para que nossos sonhos nos abram as portas para a troca que alimenta os espíritos e corpos.

Sim, conversas, músicas, bebidas e comidas são fundamentais para o corpo que é espírito e o espírito que é corpo, já dizia um caboclo da Prússia, discípulo do Persa-Velho. Essa conversa cantada que Fabiana nos ofereceu em plena pandemia, foi o alimento corpo-espiritual do qual muitos nos alimentamos durante os duros e tristes dias, solitários dos corpos dos outros, e por isso precisando, mais e mais, dos encontros espirituais.

É nesse sentido aqui que eu gostaria de, ao mesmo tempo e em um só gesto, retribuir ao irrecusável convite de Marcos Ramos, para estar aqui, nessa mesa intitulada “Poéticas e políticas de uma gira epistemológica”, entre os gigantes André Capilé, poeta de quem sou profundo admirador e mestre na Tradução-Exu, e Tiganá Santana, um dos maiores intelectuais de nossa geração e por quem, via Fabiana, nutro um carinho sem fim; e tentar retribuir esse convite com a responsabilidade que isso significa para mim, mas também homenagear Fabiana Cozza, para mim, uma das maiores vozes de nosso país e

uma intelectual que ainda não tem a noção de sua importância como voz poética, ética e política.

Pois, a meu ver, *Dos Santos* é isso: um manifesto, uma epistemologia, ao mesmo tempo política e poética, um sopro de vida aos moldes claricianos, mas de uma Clarice que quis aprender o verdadeiro da escrita de uma Carolina de Jesus.

Mas esse texto representa mais: ele diz de uma tese, *a-tética* contudo, uma hipótese cega, diria um Magrebino-Velho, sobre a qual sempre quis escrever e nunca tive a coragem necessária: a de que uma figura com a de Fabiana Cozza pode representar a potência máxima do que significa uma “voz filosófica”. Explico brevemente, pois não se trata aqui de minha hipótese, mas de falar *com, de, através e para* Fabiana. Um filósofo nunca é original, no sentido mais parricida do termo, aquele que pretende negar a tradição e começar tudo do zero, por mais que seja isso que ele queira; ele é sempre um *intérprete*: ou seja, alguém que conversa com aqueles que vieram antes.

Em uma conversa sobre religião com meu amigo e filósofo Fabio Borges-Rosário, em que ele me diz que há dois tipos de religião, as que concebem que é possível conversar com os mortos e as que dizem que isso não é possível, pensei imediatamente que também há duas posturas diferentes na filosofia: aqueles que aceitam que filosofia é uma conversa com aqueles que nos antecedem e aqueles que são alérgicos a essa ancestralidade.

Filósofos conversam - ou deveriam assumir isso como sua tarefa - com os fantasmas, conversam e dão sua voz àqueles que os antecederam. E é nesse sentido que a cada dia tento mais aprender com essas vozes que, como Fabiana, com sua ética dos pés, mantém a ancestralidade viva e encarnada. *Canto é reza*, sim; mas esse canto, pelo menos os cantos desse tipo que são reza, é filosofia, das miúdas, claro.

Muitos de nós, recebemos em 2020 *Dos Santos* como o alento e força que precisávamos para nos *descarregar* - ao mesmo tempo, como chá de beber, amaci de banhar e erva de defumar. Foi uma das *giras* mais potentes para sabermos, a cada ponto que Fabi firmava, que nosso estar-só não era absoluto e que, a cada escuta-acolhimento desses grãos, estávamos mais acompanhados, dela, Fabiana, daqueles que expiravam e inspiravam seus sopros, como Tiganá, Simas, Moisés, Vidal e tantos outros, e de todos esses *Dos Santos* que passam a habitar em nossos corpos.

Essa *epistemologia* que é *Dos Santos*, essa gira de saberes outros com o que Fabiana nos presenteia, pode ser pensada em todas as possíveis traduções de gira: segundo o mestre Nei Lopes, tanto a dança que vem do umbundo *tjila*, mas também, e sobretudo,

o termo bundo *ndjila* que quer dizer caminho, na acepção de método e meio para chegar a algum lugar. A gira de saberes que Fabiana deixa girar é o que faz o corpo dançar, mas é aquilo que, do mesmo modo, nos dá os meios e os caminhos para entendermos seu caminhar por esses caminhos encruzados de *Pambuanjila*.

É por essa razão que, hoje, não busco entrar nessa gira que é *Dos Santos* munido de nenhuma ferramenta externa, mas apenas tentar andar, como nos ensinam os caboclos, com a pisada mais bonita: aquela que pisa na areia no rastro dos outros. E a pisada, Fabiana já me deu: em uma disciplina em que fui seu aluno, mais especificamente em uma aula sobre Elza Soares, minha professora Fabiana dizia que para percorrer o disco que estávamos discutindo de Elza, deveríamos começar do “Cóccix até o pescoço”. E assim farei aqui, buscando refazer esse caminho que a cabocla Dos Santos faz, pisando em sua aldeia, mesmo sabendo que só poderei bambear. Talvez, aqui, a diferença seja que, como a própria cabocla me sussurrou, que o ar de Oxalá começa a circular, entrando junto aos grãos de milho branco, pela boca que é canto, *do pescoço até o cóccix*, terminando com *os pés dos caboclos e caboclas pisando na macaia*.

Mas deixo então ecoarem os atabaques do Bravum que Simas e Moyséis Marques batucam para aquele que possui o poder, e creio que aqui são firmadas duas máximas ético-epistêmicas fundamentais para a epistemologia *Dos Santos*. O senhor da alegria rara, o dono do corpo que samba, é invocado, chegando, metade vermelho, metade preto, para anunciar, como aquele que anda entre as fronteiras, dando cambalhotas e trazendo o dissenso, o primeiro aforismo dessa filosofia: **“quem anda em linha reta não pode enxergar vereda”**. O senhor dos desvios e das errâncias, dono do impossível, já que “prende água na peneira, guarda o mundo na quartinha, galopa em galo de rinha” e “avoa em cobra rasteira”, depois de receber sua cachaça, seu padê e da dança começar, enuncia o segundo aforismo, este que aponta justamente à coletividade deste andar enveredado: **“quem bate paó na esquina, na vida não anda só”**.

Na vértebra musical seguinte, Fabiana dá seguimento às letras e notas da dupla Simas e Marques, mas agora saudando o guerreiro cuja coroa é o mariô, que o deixa ver sem ser visto, e narrando a história de sua vinda, junto dos primos Gun e Nkosi para essas terras, e de como esses guerreiros negros acompanham seus filhos no sequestro através da calunga grande. Como o dono do seu ori, o Ogã de Ogum vem pra aldeia do ventre de um tumbeiro, deixando o arado na terra de seu pai, mas trazendo o obé pra defender seu povo, já que, aqui, as ferramentas de plantio viraram os elos aos quais se prendem os

grilhões. “Ogã de Ogum”, a canção, é a história do renascimento de todas e todos que se iniciam e que são, nessa terra, acolhidos pelo senhor que aqui porta a espada e que, garantido seu ebó, mas também nunca se esquecendo o padê de seu irmão, sempre morará em nós. Ogunhê!

O terceiro canto canta as folhas que curam e sem as quais não há orixá. Podemos entender que, depois de saudar orixás quentes como Ogun e Exu, os jovens que abrem os caminhos, Fabiana traz, seja em “Oração a Ossain” ou em “Tempo Velho”, a sabedoria dos mais velhos. Primeiro, segundo a canção de Carlos Rennó e Pedro Luis, ela nos abençoa com “o segredo que a força repõe”, para que em nossos caminhos a doença não se aproxime, para, em seguida, nos fazer suspirar com a reza de Douglas Germano. Em “Tempo velho”, Fabiana se empreta-velha e, como avó benzedeira, nos diz: “Panha essas folha, se banha, se benze. Pede pras alma, agradece três Ave-Maria. Faz teu caminho de bem e se alembra que o mundo mais lindo só tem em pedra pequenina”.

Se os códigos de Exu nos ensinavam a aprender desvios, se Exu e Ogum nos diziam que estamos sempre acompanhados deles, na palma que batemos ou na dança que dançamos, se Ossain vem nos dizer do segredo das folhas, pretos e pretas velhas, vovós e vovôs benzedores dão seguimento ao poder das ervas, mas nos alembam do caminho de bem e da beleza do que é pequenino.

O batuque acelera e “Dona das folhas” chega com chapéu de coro e um gaio verde na mão, encaboclando a epistemologira e se encontrando com todo o seu povo nas encruzilhadas dessas matas daqui. Com o mestre Roque Ferreira abençoando, A Dona do mato chega com Mutakalambo e um exu de encruzilhada, distribuindo fumo para os aquilombados, vai pra gira juremada, roda com seu boiadeiro, Pena Branca e a marujada e termina com Sultão das Matas se acabando na risada. Esse samba de coco, conduzido pela batuta do maestro Fi Maróstica, grande arranjador do disco, além de marcar a importância dos cruzos para falarmos a partir desses saberes populares, também marca a entrada em cena do feminino, pois é ela quem chama a “Doce Oxum” e as “Filhas de Iemanjá”.

A doçura de minha mãe, que Fabiana consegue ver, e que celebramos em nossos encontros marítimos, no empinar das ondas, chega quase junto de suas águas salgadas. Contudo, nessas águas em que nos encontramos, nesse encontro das águas em que habitamos juntos, a risada da cabocla nos leva à beira do rio, quando Gisele de Santi nos alumeia com as lágrimas de quem faz xorodô. A justa beleza do canto de Fabiana nos

deixa em transe, e a água do ventre que gera, água do rio que corre, do seio que alimenta, que leva a mágoa, que sossega no peito e cala a dor, essa água doce da Yalodê, senhora do sim, prepara nossos corações para o canto de Mãe Zezé, que é a maré alta que invade a foz.

A voz rouca de tanta vida de Mãe Zezé de Oxum convoca as águas do mar para cujo mergulho, Fabiana, com sua voz de sereia, nos encanta. A belíssima canção de Vidal Assis chama a mãe de tantas filhas (Rosa Parks, Dandara, Quelé, Marielle, Anastácia, Nina Simone, Dona Ivone, Marias Firmina e da Penha, Esperança, Garcia, Lélia Gonzalez, Elza Soares e ela própria, Fabiana) para semear seus grãos na areia de nossa aldeia, com suas negras mãos, “pra buscar, pra romper, pra cantar, pra dizer a esse mundo que o amor é candeia que norteia. E rir, e crescer e florir, e entender que a força do amor não guerreira, incendeia”.

Quando chegamos nas vértebras que se situam entre o ventre e os seios, a pausa é necessária, e é quando Tiganá, o dono do pano branco, retorna para nos fazer respirar. O ar de Oxalá se encontra com a força de Lemba, que infla nossos pulmões e, ao som do alaúde de Sami Bordokan, Fabiana faz nossa África banta se encruzar com o Oriente Médio.

(Pausa, silêncio, parêntese aberto: uma tristeza - entre um arfar e outro deste texto, recebo a notícia da morte de Gal Costa e, nos parênteses dessa gira, fica aqui minha homenagem à Gal, que me inspirou tantos gritos e lágrimas, retomando a postagem que Fabiana fez em suas redes, quando ouvimos suas Lágrimas negras, de Henrique Mautner e Nelson Pires: “Belezas são coisas acesas por dentro. Tristezas são belezas apagadas pelo sofrimento. Lágrimas negras caem, saem. Dói”. Fecho esse parêntese)

Como se houvesse acaso possível, retorno ao meu texto para escrever sobre “Mantendo laços”, em que Fabiana interpreta a canção de Ana Costa e Zelia Duncan, mostrando que o canto é movimento de sopro, em que o ar de Oxalá é devolvido ao mundo, transpirando o Orun e o Aiê. Após a triste notícia da morte de uma das maiores vozes desse país, essa voz de chuva fina e tranquila de Fabiana nos banha, enquanto vestimos nosso pano branco em luto, com pera, uva e mel, e nosso Pai nos “mostra o princípio e o fim, e cuida bem de nós”.

Em seguida ao suspiro, suspiro maior e mais cinzento do que aquele que eu imaginava antes escrever, a voz retumbante de Nega Duda, sambadeira do recôncavo baiano, invade a gira e prepara o terreno para a entrada trovejante de Fabiana, que é mar,

mas também vulcão. O ponto cantado de Paulo Cesar Pinheiro e Luciana Rabello, abre o segundo momento do disco com o bater das baquetas nos tambores e com as palmas que saúdam os sons de Pedra Preta, na espera de que, na ponta do martelo ou no cabo do machado, a voz de Xangô, que é ronco de trovão, nos traga a justiça.

Em meio a um mundo em que pessoas morriam sem respirar, onde pessoas eram cobaias para suposta imunidade de rebanho, em que medicamentos charlatães eram prescritos e governantes riam pisando sobre centenas de milhares de mortos, Fabiana clamava pelo prumo da balança e nos convocava, todas e todos, a unirmo-nos em nome da justiça, que tardou, mas, felizmente, parece ter chegado: “Quem é filho do Rei, que preza sua lei, precisa se juntar que o Orixá já chamou. Martelo já bateu, machado já desceu, o mal vai se acabar pela mão de Xangô”.

Cantar para o Rei dá fome. E sabemos bem que Xangô é Orixá guloso; mas sabemos mais: que comer nunca é apenas alimentar-se no sentido de saciar uma necessidade fisiológica. Comer, antes e sobretudo, é comer junto, já nos falam nossos amigos Marcelo Moraes e Babá Adailton Moreira; comer é princípio ético fundamental para esse corpo que é também espírito e cujo alimento não é só matéria. E é nesse sentido que “Batucadinho” é comida musical, ou música temperada, em que a voz de Fabiana parece ecoar as facas que, como baquetas, percutem nas tábuas, cortando os temperos; e sua respiração parece o chiar do dendê fritando na panela.

A melodia saltita como chegada de erê na terra, pulando diante da mesa de mungunzá, caruru, batata doce, paçoca, cuscuz, tapioca, bolo de fubá, bala, cocada, bolo de estudante e quindim. Todo mundo sabe, ou deveria saber, que, tão deixados de lado nas macumbas, às vezes só lembrados em Cosme e Damião, é a Ibeijada quem faz a festa curar na alegria, e a canção de Everson Pessoa e Nei Lopes nos dão esses momentos pululantes que só erê em dia de festa, com o olho preso no bando de comida à sua frente, sabe dar. Bença, durpai. Mó ajeum. Ajeum Mó. Hoje é festa de erê, promete e não cumpre que você vai ver!

O sopro funfum de Tiganá Santana circula uma vez mais em torno da espinha dorsal de Dos Santos e, dessa vez, acompanhada apenas da percussão de Ari Colares, Fabiana parece fazer retornar à lama o barro que nos compõe, como se sua voz, vestida e banhada na lagoa, fizesse chover sobre nós. Fecundada repetidamente pelo sopro de Nanã, Fabiana nos remete a ciclos atemporais, transtemporais, em que, ao mesmo tempo,

acedemos ao passado pantanoso antes da vida e, ao mesmo tempo, caminhamos a um futuro espiralado em que gestamos nossos ancestrais.

Nossa vida, como o instante-já de Clarice, de tão fugidio que já não é mais pois agora é um novo instante-já que não é mais, obriga, ainda que lentamente como o caminhar de nossa avó, a Fabiana cantar veloz, entre luas e sóis, ciclo após ciclo, em que o barro nos esculpe e retorna, para voltar a esculpir outrem e retornar.

A canção seguinte, Senhora Negra, a meu ver, tem um importante papel na circulação de axé que a gira *Dos Santos* produz: pareço ouvir a pequena Fabi, ensaiando em casa as canções que via sua tia cantar na Missa de Domingo, sabendo que seu canto, em qualquer canto ou terreiro, seria sagrado. É essa menina que parece ganhar a voz e, ao bater o joelho no chão em louvor à Senhora Negra Aparecida, borda seu manto com pequenas e douradas missangas que o povo banto lhe dá, dando o brilho ao azul imaculado que, sem esse vagalume, nunca seria o mesmo.

Dos dois desejos que, em dias diferentes, eu expus à Fabiana, um deles parece ser o mais estranho, embora essa canção de Sergio Pererê pareça corroborar. Meu primeiro desejo que contei a ela seria ouvir um disco de Fabi todo dedicado à Dona Quelé (e um dia até chegamos a pensar que lindo seria um espetáculo como esse, feito do lado de fora do Outeiro da Glória); mas o outro, e que mais recentemente, em uma conversa, lhe enderecei, foi a aleluia que seria um disco seu com ela cantando apenas os hinos das Missas. Meu abuso foi tamanho que cheguei a pensar como seria lindo sua voz cantando: “Tu, te abeiraste da praia, não buscaste nem sábios, nem ricos. Somente queres que eu te siga. Senhor, tu me olhaste nos olhos, a sorrir, pronunciastes meu nome. Lá na praia, eu deixei o meu barco. Junto a ti buscarei outro mar”. Me pergunto se o filho de Odé Sergio Pererê corroboraria meu delírio...

Quando nos conhecemos presencialmente, e, juntos, fomos caminhar à beira-mar, lembro que, em dado momento, Obá surgiu na conversa, quando víamos o refluxo das ondas se chocarem com o fluxo que se aproximava e contava a ela que uma brincadeira minha de criança era correr para ficar parado esperando esse encontro das ondas. Quando isso acontecia, era uma grande alegria para a criança que queria ser golfinho. Fabiana me respondeu, aludindo a esse empinar das ondas e, desde ali, me encantei por essa palavra. Esse empinar, minha pororoca particular em que queria morar até o tempo durar para sempre, é a “Manhã de Obá”, em que Fabiana canta Ceu que é também Mar. Oba Siré, invoca ela, chamando o dia em que corre o rio de fogo, com seus redemunhos de sonho,

que trazem das profundezas da água de seu ventre o rebento. No Xirê de Obá, que é quando a Mãe Senhora empina as águas, dançamos e brincamos montados em nossos cavalos, tal como a amazona que, dura guerreira debruçada na janela, delicadamente espera o amor e só pede um recanto pra descansar.

Quase alcançando a última vértebra, o ar de Oxalá, que soprou na boca de Nanã, se torna vento forte, chamando a deusa dos relâmpagos para descarregar todo o peso de nossos corpos. Com sua voz estrondosa, acompanhada pelo trovejar do arco nas cordas do contrabaixo de Fi, Fabiana explode-nos um clarão e a chuva fina que até agora nos umedecia, se torna tempestade de estremecer os corações.

Fabiana nos oferecia a prece à Iansã de Sandra Simões, que alumbriou a escuridão em nossos tempos sombrios de pandemia e de pandemônio e clamava, eparrei, para que a rainha dos raios, a senhora dos tempos, mudasse, enfim, aqueles ventos e protegesse nossos pensamentos.

Como a eletricidade do relâmpago limpa e renova o ar, e como a tempestade nutre a terra, Fabiana canta pra subir invocando a caboclaria pra dançarem nas águas de Oiá. A epistemologira *Dos Santos*, da qual falamos tudo sem dizer nada, à qual só podemos repetir, sem arriscar apreender na compreensão que prende, termina nas matas de Simas e Alfredo del Penho. Saudando essa terra em que pisamos e na qual devemos aprender, com eles próprios, os caboclos, a pisar, Fabiana Cozza vem saravar o caboclo no meio da mata, aos pés da jurema, e nos ensina seu abô com as folhas sagradas: Guiné, Peregum, Alecrim e Alfazema. Com ela, saravamos os caboclos de Mutalambo, riscamos ponto no chão da macaia, fazemos as mandingas que Oxossi ensina e dançamos na folha da samambaia.

Ela canta: “Bate na palma da mão e arrepia, tem ventania no bambuzal. A cobra sibila e a coruja pia, chama os caboclo no temporal”. E, um a um, eles vão chegando: “Seu Sete Flechas, Seu Rompe-Mato, Dona Jandira e Seu Guaracy, Seu Viramundo, Dona Jussara, Seu Pena Branca e Seu Aracati, Seu Tupaíba, Seu Tupiara, Seu Mata Virgem e Dona Indaiá, Dona Jupira, Seu Ubirajara, Dona Iracema, Seu Tupinambá”. Com todo esse povo firmando a gira, Orixás, Inquices e Voduns, Caboclos de Umbanda, da Jurema e até com Nossa Senhora, no meio da ventania e do temporal que sopra o bambuzal na mata de eparrei, a única possibilidade que encontramos de fechar esse texto, é batendo paó, com os pés descalços na macaia, pisando nesse chão devagarinho e cantando mais uma

vez com nossa amiga mestra: “Bate na palma da mão e arre pia, tem ventania no bambuzal. A cobra sibila e a coruja pia, chama os caboclo no temporal”.

Por fim: esse texto foi a tentativa malsucedida de retribuir o carinho à minha amiga Fabiana, a quem eu gostaria de cantar, lamentando não poder, não saber, e sem mesmo ter a coragem de ao menos cantarolar ou murmurar uns breves sons. Mas escrevo para você, Fabi, como se cantasse, como se essas letras fossem canto que alenta o coração, bem como você faz para os pequeninos recém-nascidos nas enfermarias, ou para nós, sempre recém nascidos diante de seu canto iemanjáico que nos alimenta.

Obrigado pela sua voz, que é tanto corpo como espírito.

Referência:

DOS SANTOS. Fabiana Cozza. São Paulo: Tratore, 2020. 1 CD (65 min).